

O Fangueteiro

POLA LEY E POLA GREY
QUINZENÁRIO REGIONALISTA

Director: ANTÓNIO CARLOS ESTEVES

Editor: C. HIPÓLITO REIS

Administrador: ARMANDO SARAIVA

Proprietários: António Carlos Esteves, C. Hipólito Reis, Armando Saraiva e Albino Pedrosa Campos

Redacção e Administração: Rua Azevedo Coutinho
F A O

Composição e Impressão: Tipografia «Vitória»
BARCELOS — Telefone 8428

EDUCAÇÃO

Pela Dr.ª ROSA MARIA SALGADO TORRES

NÃO há época alguma da história em que o «educar» se não tenha apresentado como a questão primordial concernente ao indivíduo; ou que, por intermédio dos seus homens mais interessados no problema educativo, não tenha buscado, e por vezes afanosamente, conceitos que se afigurassem mais exactos, meios mais eficientes; que não tivesse proposto novos métodos, aconselhado mais seguros processos.

Educar, surge sempre como fazer o homem desabrochar, de um estado incipiente de capacidades em potência, para um estado adulto em que essas capacidades se actualizaram num grau máximo; trata-se de encontrar, para cada ser, a sua forma típica, a qual, numa perspectiva cristã, só pode ser a que se coloca na própria linha do nosso destino de criaturas elevadas, pela graça à sobrenatureza; só pode ser a que tende a formar em cada homem, um critério de respeito fundamental, pelo núcleo da sua personalidade, o perfil do Mestre dos homens, do Homem Perfeito, que foi também Ele o grande pedagogo.

A nós, aos novos, cabe-nos encarar, de modo especialmente esclarecido e dinâmico, todo o problema educativo; e dispormo-nos,

desde já, para o contributo de solução que havemos de dar, não através duma preparação livresca, puramente teórica, mas de uma aprendizagem do sentido e da comunicação de valores, dos valores de Beleza, Verdade e Bem, que através de nós, hão-de ser captados e assimilados pelos outros.

De nós depende que esses valores sejam transmitidos intactos ou deformados por erradas filosofias; e nós queremos que eles sejam autênticos, de espíritos sãos e livres.

A Educação é obra da vida; nela fica, portanto, implicado tudo o que somos e o que temos e, como tal, não poderá nunca ser levantada. A margem da vida real, independentemente dos valores que a compõem e a enquadram.

Dai a nossa grave e pesada responsabilidade: os critérios que agora radicarmos em nós, são aqueles que havemos de comunicar; as ideias e os conhecimentos que adquirirmos são os que iremos fazer despontar em cada um dos que viermos a educar; até os nossos próprios métodos e hábitos, criados agora, hão-de ser os que, amanhã, conseguiremos inculcar nos outros.

Pensaremos nós, nós que mais um pouco de tempo e iremos educar, que a educação começa por nós mesmos e que... já começou?

A Fotografia

«INERTE E INEXPRESSIVA?»

Por A. SOUCASAUX

(Continuação do número 32)

Para amenizar estas modestas considerações e para reforço da minha pretensão, apresento parte de um artigo inserto, há pouco, na *Revue de Paris*, que a amabilidade do actual Reitor do Liceu de Braga, Dr. Francisco de Andrade, a quem tão nitidamente interessa tudo que se relaciona com o espírito fez chegar ao meu poder. Intitula-se *Un siècle de vision*. Eis o que nele se lê: «Para Baudelaire, o único merecimento da Fotografia residia no facto de conservar as coisas preciosas cuja forma vai desaparecer. Recusava-lhe, porém, o poder de evadir os domínios do impalpável e da imaginação.

É de lastimar a incompreensão de que o genial crítico deu provas, perante a nascente Arte da Fotografia. Precisamente, no entanto, que a sua opinião era partilhada pela maior parte dos Artistas do seu tempo. Não vemos nós, em 1862, o nome de Ingres subscrevendo uma petição de pintores a protestar contra qualquer assimilação da Fotografia pela Arte! Desse mesmo Ingres que chegou a confessar: *O que eu desejava alcançar era a exactidão da foto*. Simplesmente não lhe convinha dizê-lo, confessou...

A primeira bienal da Fotografia acaba de proclamar bem alto — embora tal não fosse preciso — a considerável contribuição que essa técnica deu à Estética e, também, de fazer justiça quanto às profissões ridículas e aos anátemas que lhe assa-caram! A retrospectiva da Biblioteca Nacional, intitulada *Un Siècle de vision* deu luz muito especial à contribuição da

Fotografia para a história da Pintura, de há uns cem anos para cá. Já Courbet, em 1854, não hesitava em pintar, no seu atelier, *Proudhon et sa famille*, buscando inspiração na Fotografia! Henri Monnier seguiu o seu exemplo e Delacroix. Este praticava perfeitamente a técnica de Daguerre! Compôs, portanto, baseado num álbum fotográfico de nus, muitos estudos a craião.

Manet, Dega, Lautrec, Renoir e Corot, utilizaram-se da Fotografia.

Li, ainda há pouco, que, em Nova York, se realizou uma exposição de 500 fotografias de amadores e profissionais de 68 nações, destacando-se 257 de grande categoria. Organizou-a Edward Steichen, provando que um homem de sensibilidade, de garra, observador, pode produzir trabalhos de Arte comparáveis aos da Pintura.

Para ir finalizando... Sem dúvida que o retrato é muito difícil, por exemplo, quando se tem de atender ao Belo, na Mulher, para quem os encan-

(Continua na página 2)

Esposende e o seu Termo

AINDA...

A diligência de um amigo fez chegar até mim, nesta bela manhã de 2.ª feira e de verão — o verão lembra-me o mar e a *minha terra*... — o último n.º de «O Cávado» (o 1998) em que *Consideração e desconsideração*... (virgula) me são dirigidas.

Antes de mais fazer, vou escrever estas linhas e, no decorrer, explicarei ao Bernardino Amândio e aos seus leitores, por que o faço.

O tratamento que adopto é assim porque agora me dirijo especialmente a ti, Bernardino (porque necessário é), quando de início, ofendido no meu amor, procurei especialmente comunicar, com os conterrâneos que me entendem, a minha mágoa e o meu protesto! Por isso também, escrevi para *O Fangueteiro* e não para «O Cávado» ou para MUNDO — ainda que tivesse a certeza que tu havias de ler as minhas *considerações* como agora se confirma...

Surpreendeu-me a resposta, tanto como me havia surpreendido o *artigo* (1) que escreveste no n.º 94 da revista MUNDO e surpreendeu-me:

- pela resposta em si mesma — 1 e 2;
- pela resposta por si — 3:

1) — *Em princípio e no princípio, o que eu escrevi não era susceptível de levantar resposta.*

A verdade é que a minha *apreciação ao artigo* foi feita em tom de diálogo (já disse com quem!), mas porque o bom senso do leitor médio seria — a meu ver — suficiente para lhe responder, de tal forma as questões estavam na sua evidência primária, não esperava a *resposta*, mas só o eco!

Sim, porque a meu ver — ainda —, seria preferível que inettesse a mão na consciência, reflectisses e procurasses emenda para o futuro.

2) — *A não impunidade da palavra escrita e dada a ler em público, quando o bom senso a não acompanha.*

(1) *Artigo* — ... «assunto versado num escrito... escrito de jornal, mais extenso que a simples notícia...» (A. Moreno) — *Perdoe-se-me*, mas isto faz-me lembrar outros jornalistas...

(Continua na página 5)

«Villa nuncupata fano»

4. Águas Celenas — Fão? X

Pelo Coronel Zeferino Sequeira

DIZ-NOS Argote: «Onde precisamente estava assentada Aquas Celenias, se na margem setentrional, se na meridional do rio Cávado, não se pode saber; presume-se contudo que na meridional, onde hoje está a Vila de Fão, porque esta em uma demanda que trouxe com a de Esposende, sita na margem oposta, provou que era mais antiga. Também se ignora se era ou não, cidade, porque ninguém se lembra dela entre os antigos mais que Antonino acima citado. Pelos vestígios não se pode regular nada, em virtude das areias que teem coberto tudo.»

Paremos um pouco: como se vê, Argote, sempre escrupuloso, não diz «presumo» mas «presume-se», reportando-se, portanto à opinião de outros, opinião essa que ele não perfilhou nem deixou de perfilhar. A antiguidade de Fão, como argumento, não o convenceu, como aliás não convence ninguém. Depois diz que as areias cobriram tudo, ocultando quaisquer vestígios que pudessem atestar a real existência dessa cidade de Águas Celenas e sua verdadeira localização, o que é aceitável em relação a Fão e Esposende apenas.

Continuemos a transcrição: «Eu (Argote) presumo havia de ser cidade e povoação grande pelas razões que ficam ditas. Suspeito outrossim que o seu nome anda viciado nos codices e que em lugar de lerem Aquas Celenas, leram por equívocação dos amanuenses Aquas Celenias que era outra povoação da província da Galliza, mas mui distante e longe da marinha... Também me persuado a que nesta cidade de Aquas Celenias assistiu algumas vezes o proconsul da Província da Galliza, porque no Codice Theodosiano, no livro 8º título 7º «De Deversorios Apparitorum et probatoris, na lei 1ª, diz assim: De Constantino Augusto para Versenio Fortunato, Proconsul de Aquas Celenias...»

...Eu bem sei que se pode opor que esta cidade de Aquas Celenas onde existia o proconsul acima indicado, era outra do mesmo nome que pertencia e era município da Chancelaria de Lugo, e cidade episcopal, segundo se colige das actas do 1.º Concílio Toletano e de Idacio no *Chronicon*; mas a quem advertir que a cidade de Aquas Celenias Lucense ficava no sertão da Galliza, e não era das principais cidades da província, e que pelo contrario as Aquas Celenias de que tratamos, estavam a cinco leguas de Braga que era como metro-

Engano

Com os excessos de vida
Toda a gente me crê rico:
Mas enquanto os demais folgam
Na minha tristeza eu fico.

Que esse engano para mais
Que a lenda me atribuiu
Obrigou-me toda a vida
A ser o que nunca fui.

E por resto convenci-me
Que a minha vida era assim —
Depois de enganar a todos
Até me enganei a mim.

A. Filipe

pole da provincia, e que estavam sentadas na foz do Cávado, e margens do Oceano, em um sitio apto para a navegação e expedição de frotas e comercio, sem duvida lhe parecera mais verosimil que nesta cidade residia o proconsul Fortunato e não n'outra."

Estes dois argumentos, o da carta endereçada ao proconsul e o da antiguidade de Fão, só têm, a nosso ver, um merecimento: o de provarem à evidência que outros de melhor valor não havia.

É natural, mesmo muito natural que o proconsul Fortunato, residente em Braga, sede do governo da Provincia, fosse algumas vezes até à Foz do Cávado em simples digressão recreativa e — quem sabe? — até lá possuísse, em qualquer parte, uma vivenda acolhedora onde descançasse algum tempo. O que não é natural é que ele, todas as vezes que ali fosse passar uns dias ou umas semanas, tivesse o cuidado, bem desnecessário, de comunicar para a longínqua Roma essas curtas estadias fora da sede do seu governo: de Braga, onde quer que ele estivesse, lhe remeteriam a correspondência. Porém, se por imposição de serviço ou conveniência pessoal (uso das águas, por ex.) houvesse de fazer alguma permanência em Águas Celenas — Caldas de Reys, a 99 milhas a N. de Braga, não deixaria de comunicar superiormente a sua ausência da sede da Provincia.

Por tanto o endereço da carta para Águas Celenas tanto servia para uma como para outra das duas localidades com esse nome.

A presunção de Argote de estar errado, no "Itinerário" o nome de Celenas em vez de Celanas, manifesta — sem que ele o declare expressamente — o intuito de encontrar uma justificação para o nome genérico "Aqua", Águas que os romanos só davam às nascentes de águas termais ou minerais, da mesma forma que nós: Águas de Vidago, de Carvalhos, de Melgaço, etc., e Água de Luso, de Sintra, de Caneças, etc. E como não tinha conhecimento, ou não se lembrou da existência de quaisquer "Águas" na vizinhança da foz do Cávado, Celano ou Celando, pretendia resolver a dificuldade juntando o patamónimo "Celano" ao prenome Águas, Águas do rio Celano.

Pereira de Novais (ob. cit.) é abertamente desta opinião: — "las Aguas Celenas, ó villa de Fam, se disen assi del Rio Celando ó Celeno, que por esso le dió el nombro a essas aguas por su laro y balsa que alli hase..."

Resta saber se o Cávado alguma vez se chamou Celano ou Celando. O único geógrafo da antiguidade que se referiu a este rio — se não estamos em erro — foi Pompónio Mella que lhe deu o nome de "Celadus" de origem presomana (Adolfo Schultze — Hespania). André de Resende nas Antiguidades de Portugal diz que Celando ou Celano não era o actual Cávado, mas sim o rio Leça que desagua em Leixões junto a Leça (da Palmeira).

Martins Sarmiento (Ora Marítima — Porto 1896) diz:

"... os Ligures e Draganes vieram achar a Gallaecia uma "vacina gleba", não podendo deixar por isso de crear uma toponymia sua, que os Celticos não podiam alterar, ainda que quizessem. Por estas mesmas razões, tão liguricos como o nome de Durius hão de ser os de Avus, Cadavus, Naebis, Límia, Minius, Taumaco, etc.". Assim, o nome verdadeiro do rio teria sido muito anteriormente aos romanos, Cadavus e muito posteriormente, já depois de fundada a nossa nacionalidade, Cávado "por metátese recíproca, visto que dois fonemas móves permutaram os lugares" (Xavier Fernandes, ob. cit.).

(Continua)

POSTAIS DE BARCELOS

UMA PONTE SOBRE O CÁVADO...

ALGUNS poetas da nossa Terra, percorrendo em horas seudosas as margens lindas do rio Cávado, escreveram versos inspirados e que se mantêm, cheios de encanto e beleza, como flores, apesar da passagem brusca e impenitente do tempo que tudo anseia destruir. Realmente, este rio Cávado, enfeitante e bulicoso, é das coisas lindas desta Terra que Deus pródigoamente dotou de encantos. Pois é ali, na parte mais linda, no recanto mais encantador e que permite gozar o mais surpreendente panorama, que dizem será construída uma ponte de acesso à estrada Barcelos-Esposende. Não sei se isto é verdade. Sei, porém, que essa ponte, a fazer-se, deveria partir do lugar de Vessadas em direcção ao Campo da Feira, e

servia admiravelmente a população barcelense, descongestionando o trânsito e embelezando ainda mais a nossa Terra. Porém, a fazerem-na no lugar de Mereces, corta o trecho mais lindo, mais belo, do nosso rio e tem, ainda, a desvantagem — que é coisa de atender!... — de afastar de Barcelos, centro da Cidade, todo o movimento. Isto já é tão monótono, tão parado, tão igual que até faz sono a quem dorme as noites inteiras... Não poderão os responsáveis pelo progresso cidadão obviar a que a ponte seja feita naquele local e antes venha a fazer-se em Vessadas? Tudo está, pelo que vemos, no princípio, e, por isso, não deveria ser difícil conseguir. Depois de feito... tudo está consumado.

NOTAS PESSOAIS

Começa hoje, na Matriz, o Tríduo do Sagrado Coração de Jesus. É orador o Senhor Padre Alberto da Rocha Martins, distinto orador sagrado.

— Começaram as inspecções militares. Todos os dias os mancebos enchem com sua alegria esfuziante as ruas da nossa cidade.

— Estão a ser arrançadas as fachadas dos prédios da cidade que se encontravam em péssimas circunstâncias.

— Barcelos recebeu fidalgamente o venerando Chefe do Estado que se dirigia a Viana do Castelo.

— Começaram as provas escritas dos alunos que este ano têm de fazer exame.

— Já está constituída a Comissão da União Nacional deste concelho que é presidida pelo distinto Professor Universitário Dr. Joaquim Nunes de Oliveira e de que fazem parte elementos dos mais prestigiosos de Barcelos.

C.

Capela da S.^a da Bonança

Por iniciativa de alguns particulares vai esta capelinha passar por alguns melhoramentos, que muito a embelezarão.

Doente

Tem guardado o leito a Snr.^a D. Deolinda de Passos Faria, esposa do Snr. António Lopes Fernandes Igreja, conceituado industrial de alfaiataria.

Inspecções Militares

Dia 9 de Julho — Antas, Apúlia e Belinho.

Dia 10 — Curvos, Esposende, Fão e Fonteboa.

Dia 11 — Forjães, Gandra, Gemeses, Mar e parte de Marinhãs.

Dia 13 — Marinhãs (Restante), Palmeira, Rio Tinto e Vila Chã.

Com 5 tiros de pistola

No Brasil, onde se encontra, foi atingido com 5 tiros de pistola, o nosso conterrâneo Snr. António Sá, sendo internado no hospital de Niterói, em estado grave.

Futebol

No passado dia 7, realizou-se, no campo de jogos Artur Sobral, um encontro de futebol entre o Fão F. C. e o Racing de S. Martinho de Vila Frescaíña.

O jogo, que foi bem disputado, terminou com um empate a uma bola.

A Fotografia

(Continuação da página 1)

tos não são para desprezar. O Belo está para ela, como o sol para o sistema planetário... Vítor Hugo, nos *Miseráveis*, escreveu: "Por que motivo fitais uma estrela? Por ser brilhante e por encerrar um mistério. Olhai junto de vós e tendes outro mistério — a Mulher".

Mas não é só Ela que está em foco em tais lances, também certos Homens que não querem ser o que são, mas aquilo que pensam ser.

Curioso. Geralmente, o Cliente não diz que está parecido e sim que está bonito... Terá isto uma explicação simpática pelo facto do feio, como a dor e a morte, serem inestéticos.

Finalmente, Srs. Fotógrafos, realizem obra que desmintam a tal frase: "A Fotografia é inerte e inexpressiva". Como? O observador ao olhar para um retrato, há-de dizer logo, desajudado de informação:

— Este Sr. é um boémio; este outro é um místico; aqueloutro, um guerreiro...

Rematando. Leiam o que escreveu Junqueiro a Manuel de Arriaga, acusando a recepção de um retrato:

"Querido Amigo: O teu Belo retrato foi recebido fes-

tiva e saudosamente por nós todos. Tu representas, na minha família espiritual, uma das almas que me estão mais próximas.

A fotografia é uma das virtudes amorosas da luz. A divina claridade, não só me põe em contacto, idealmente e fraternalmente, com todas as formas e essências da natureza, mas retrata-as, reproduz-las, fixa-as em imagem, de maneira que nas folhas dum pequeno álbum eu tenho a presença real e verdadeira de tudo o que eu amo, de tudo o que é agradável ao meu coração e ao meu olhar, — seja a árvore que me deu sombra ou o tecto que me deu abrigo, seja meu pai ou minha mãe, sejam as areias ou as estrelas, os cravos do meu quintal ou as nebulosas recônditas do infinito. A luz, fotografando, vence o espaço e vence o tempo. Põe diante dos meus olhos, não só o que está invisível a uma distância ilimitada, mas o que já não existe, o que desapareceu e que morreu. Aproximar e eternizar, eis o milagre amoroso da luz fotografante. A luz familiariza o universo.

Agora lhe agradeço a reprodução da tua imagem. Touxete para minha casa, vejo-te quando quero. E, daqui a mil anos, os meus descendentes poderão ainda ver no mesmo bocado de papel a mesma figura nobre, irradiando simplicidade, candura, inteligência.

Um abraço do teu amigo, Guerra Junqueiro.

P. S. — Os meus respeitos e lembranças a tua mulher e teu filhos.

Desastre

Quando seguia num carro de bois, e porque o gado se assustasse, estatelou-se no solo a Snr.^a Alice Gonçalves Chaves, tendo sofrido várias contusões pelo corpo.

Cadavus...
Cadavus...
e muito posteriormente...

1. História de... 139 a 151...

O CINEMA EM PORTUGAL

JULGO que todos os indivíduos com um bocadinho de cultura sabem, hoje em dia, se o cinema uma arte: uma das maiores artes do nosso século mesmo — naquela medida em que é lícito falar de artes maiores e artes menores.

Porém, em Portugal, os senhores «fazedores» de fitas parece que se esqueceram desta verdade tão evidente, ou melhor: nunca se lembraram dela. Outrora, Manuel de Oliveira deu-nos o «Aniki-Bobó» e o «Douro Faina Fluvial», tivemos a «Maria do Mar», a «Canção da Terra», e pouco mais. Ultimamente, a indigência das nossas películas tem conseguido aumentar, e assustadoramente.

Assim, os dedos duma só mão chegar bem para contar o que se tem feito de aproveitável — já não digo de bom. E de mínimo aproveitável constam quase exclusivamente — ou mesmo exclusivamente — documentários.

As causas desta nossa «miséria cinematográfica» são de ordem vária. São mesmo muitas: e não podemos sequer, agora, enumerá-las. Só perguntamos: que posição devem tomar aqueles que, na realidade, «querem» e «lutam» por um autêntico «cinema português»? Procurar desculpar

aquilo que já não tem desculpa? Procurar qualquer coisa de bom naquilo que nada tem de bom? Deixarem-se embalar por falsas promessas? Querer justificar o que já não tem justificação? Vir com palavras meigas e doces quando são necessárias palavras duras e justas?

Tenho para mim que, presentemente, a única posição digna e positiva é esta: apontar corajosamente e, se preciso for, rudemente, todos os factores que provocam essa tal «miséria»; fazer aos filmes que vão aparecendo uma crítica autêntica — portanto lúcida e sincera — e não uma crítica de compadrio ou de reconhecimento para com o presente chorudo ou o anúncio bem pago. É o que, em ROTA, se procurará — dentro de todas as nossas limitações — seja feito.

Afastemos pois, para bem longe, o «manto diáfano da fantasia» e procuremos apercebermo-nos da «mudez crua da verdade».

E — parafraseando ainda o nosso eterno Eça — se o porco dorme, não lhe façamos carícias ou meiguices — piquemo-lo, para que ele acorde: esse, actualmente, o mais válido contributo para um cinema nacional; esse, o verdadeiro patriotismo.

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

A propósito de «Rapsódia Portuguesa»

MAIS uma vez, o cinema nacional passou a fronteira para ir mostrar ostensivamente, em terra alheia, a sua inferioridade aflitiva. Após mais de 60 anos de vida, o cinema — que passou por uma evolução extraordinária, atendendo à sua relativamente curta existência, afirmando-se como forma de arte e de expressão à altura da nossa época — continua a ser, em Portugal, um mero passatempo a que se assiste com o mesmo espírito com que se vai a um desafio de futebol ou a uma revista teatral. O cinema que se faz em Portugal (não emprego a expressão «cinema português», visto que não existe uma produção cinematográfica

digna desse nome) é do género de fazer corar qualquer pessoa civilizada.

Muito se tem escrito e discutido sobre o «problema» do «cinema português»; muitas têm sido as soluções apontadas.

Por ALBERTO FREIRE

Mas é indiscutível que o «mal» tem a sua explicação básica através de determinados factores. Enquanto estes permanecerem, continuaremos a ter o mesmo tipo de cinema — isto é, de «anti-cinema», uma vez que as obras produzidas não passam da negação do *cinema-arte* e do *cinema-linguagem*, os dois aspectos que fazem do

MISERICÓRDIA

Há uma fraude na paisagem: a luz que a ilumina é da véspera!

E o estafeta, dando por isso, pára de repente
e ante o pasmo de córregos e árvores
atira fora o testemunho inútil
e morre afogado em desespero.

.....

É então que surge um anjo resplandecente de luz
(daquela mesma luz que antes faltava à paisagem para ser autêntica)
e arrebatá consigo o testemunho
ainda quente
das mãos agora frias
do estafeta que fica
inteiro, mas bem morto,
a apodrecer nas cores do Arco da Aliança.

F R A N C I S C O A R C O S

cinema um dos meios indispensáveis para a cultura moderna.

«Rapsódia Portuguesa» não me desiludiu, nem me surpreendeu; é aquilo que esperava: um álbum de fotografias turísticas. Ora, uma obra cinematográfica nunca poderá limitar-se à junção arbitrária de imagens «bonitinhas».

Mas para além da ausência de unidade de construção, de utilização da linguagem cinematográfica, o filme apresenta aspectos negativos cuja gravidade não pode passar despercebida.

Em primeiro lugar, é de apontar o falso retrato do povo português. As figuras focadas pelas objectivas aparecem-nos desumanizadas, transformadas em autênticos bonecos, im-

cavelmente vestidos. Não têm problemas de qualquer espécie; para eles a vida não é mais do que passar o tempo a cantar e a dançar.

Outra falsidade é a música do nosso folclore que o filme nos apresenta. Segundo Galarza, dentro da música ligeira, está no seu elemento; mas pretender fazer dele um harmoni-

zador de música folclórica foi um risco que não se devia ter corrido.

O comentário é de uma flagrante infelicidade, recheado de frases balofas. Para exemplo: «O segredo de Portugal é Portugal»...

Igualmente, não se poderá esquecer que esta película foi subsidiada pelo Fundo de Ci-

A UMA MANHÃ

O sabor a vácuo das horas sem ti
E o espanto das coisas inertes
Que me suportam
Neste jardim público
Onde estou
A esperar-te
Sem um ramo de flores
E sem problemas para além de nós
...(É com a certeza da tua ausência)...

HENRIQUE RAINHO



Desenho de ANTÓNIO PIMENTEL (TÓPI)

LUA NOVA

(EPISÓDIO PARISIENSE)

NAQUELE dia tudo era luz na Rue des Martyrs. Levantei-me cedo, como de costume, e fui tomar o pequeno almoço ao Bar Jules.

Michel recebeu-me com a bonomia de sempre.

— Olá, portuguêsinho, ça va bien?

— Menos mal.

— Já arranjaste alguma coisa?

— Já... no fundo do Sena.

— Merde! Olha, ainda ontem aí esteve um tipo de Viroflay que anda à procura de um empregado. Ele deve cá voltar logo, podes falar com ele.

— Que espécie de emprego?

— Creio que é qualquer coisa relacionada com os transportes.

— Ora bolas, só disso é que me aparece!

— Se calhar querias ir para o Quai d'Orsay!...

Acabei o chocolate e a sandes de fiambre. Michel serviu-me um cálice de conhaque.

— Toma lá, que to ofereço eu. Habitua-te a ser francês...

— Obrigado.

Emborquei o cálice de um traço e despedi-me do barman.

— Adeus, Michel, vou ver os turistas...

Num instante alcancei a igreja da Trindade. O sol estava quente e alguns velhos sentavam a espairecer no jardim fronteiro, atirando migalhas aos pombos. Logo depois tinha a gare de Saint-Lazare à direita: meti por uma perpendicular e breves estava nas trazeiras da Madalena. Contornei-a e parei a examinar os grupos de estrangeiros que na escadaria cuviavam as explicações dos guias. Cheguei-me a uns ingleses. Um rosto melancólico fitou-me e tornou a fitar-me. Tera 25 anos. Olhei-a mais atentamente e verifiquei que era bonita. Aproximei-me:

— You like Paris?

Sorriu-me um sorriso ingénuo.

— Oh, yes, very much.

Não sei o que me atraía nela. O rosto fino e delicado? A som-

bra de melancolia que lhe inundava os olhos azulados?

What hotel?

— Montcalm.

— At nine thirty tonight.

— All right.

Afastei-me e o grupo entrou na igreja. Ela olhou ainda para trás e acenou-me um adeus.

Às nove e meia estava na Rue de Hauteville. Ela espreitou na porta envidraçada e veio ao meu encontro.

— You're wonderful. What's your name?

— Peggy.

— Eu sou Raul. Vamos até ao Sena?

Deu-me o braço e encostou-se toda. Atravessámos os grandes Boulevards e chegámos à Concórdia. Enfiámos pelas Tulherias, saudámos o Louvre e caminhamos depois ao longo do Sena.

— Que fazes?

— Procuo o teu amor...

Ela riu. Um riso fresco, com sabor a romã.

— Perguntei-te em que te ocupas.

— Em tudo e em nada. Busco a justiça e o amor, vivo do ar do Sena e do perfume das parisienses, e durmo nas ilusões consteladas de Quasimodo...

— Quem é Quasimodo?

— Quasimodo é um deus que veio à terra feito homem a redimir a beleza e o amor. Prosseguiamos lentamente. A lua brilhava lá no alto.

— Que pensas tu do amor, como parisiense?

— Como parisiense, o amor é o prazer que dura um instante. Mas como português, o amor é a tristeza que dura para sempre.

— És português?

— Sim, nasci na África Portuguesa, lá longe, onde os brancos empilham montes de ouro e os negros montes de esperanças...

Tínhamos chegado junto à Île de la Cité. Sentámo-nos num banco a olhar o rio.

— Fala-me agora de ti, Peggy.

— Que te hei-de dizer? Sou

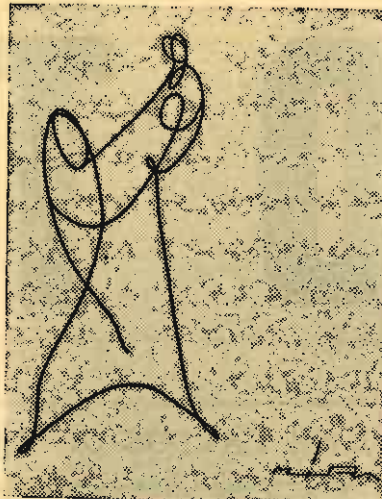
nema. Tal facto implica responsabilidades e estas não foram suportadas. A utilização do Fundo de Cinema em obras como «Rapsódia Portuguesa» só pode ser nociva ao cinema nacional. Para além do facto de se gastarem essas reservas monetárias em produções absolutamente inúteis, desacredita-se o próprio Fundo — ao atribuir subsídios a tais filmes — e desacredita-se o nosso cinema. E, assim, não se permite a descoberta de novos valores, pois são sempre os mesmos que recebem esses subsídios.

Por mais voltas que se dêem, «Rapsódia Portuguesa» permanecerá como filme de propaganda turística e só isto — o que é muito pouco.

Como é sabido, o filme foi exibido no Festival de Cannes, em 1/5/59. Os nossos jornais trouxeram vasto noticiário sobre o facto, dando a conhecer uma unânime opinião favorável.

Mas, a verdade é que nenhuma das opiniões transcritas nessas notícias partiu de qualquer crítico cinematográfico especializado e responsável. A título de curiosidade, vejamos o que escreveram a tal respeito dois críticos de duas das principais revistas de cinema francesas: «Portugal é-nos apresentado como objecto turístico, visto através dos olhos de estrangeiros que passam» (Michel Flacon, in «Cinema 59», Junho de 1959); e «Que razão se pode encontrar para a apresentação de «Rapsódia Portuguesa» (1) que não seja uma intenção de propaganda turística?» (Charles Bitsch, in «Cahier du Cinéma», Junho de 1959).

(1) N. T. — «Rapsódia Portuguesa» é agrupado, pelo autor, com outros filmes de fraco nível, para os quais apresenta outras razões que pudessem explicar a sua exibição no Festival.



Desenho de JORGE MIRA COELHO

inglesa mas não sou como as outras. Tenho sangue latino, e por isso o luar de Paris me seduz tanto como a tua companhia misteriosa...

Cingi-a ao peito e as nossas bocas colaram-se na escuridão.

— É meia-noite. Voltemos ao hotel.

Apanhámos o «metro» e saímos na Ópera, subindo os Boulevards a pé. A gente abandonava as casas de espectáculos, e à porta do Rex havia uma autêntica multidão. Do Boulevard Saint-Denis virámos para a Rue de Hauteville e chegámos ao Montcalm.

— Quando partes?

— Amanhã de manhã.

— Então adeus... para sempre.

Apertei-a docemente e poi-sei um beijo calmo nos seus lábios finos sem baton.

— Good-bye... for ever

— murmurou ela.

BASÍLIO LOPES

“ROTA”

APLAUDE: As Escolas Superiores de Belas Artes do Porto e Lisboa, pela magnífica exposição realizada com trabalhos dos seus alunos e destaca, entre outros, os seguintes nomes: Jorge Pinheiro, Manuel de Francesco, Luís Demée, Conceição Veloso Salgado, Armando Alves e José de Santa Bárbara (pintura); Jorge Pinheiro e Gabriel Magalhães (desenho); José Manuel Aurélio, José Rodrigues e José Gade (escultura).

— A Academia Dominguez Alves pela interessante obra que vem fazendo.

— O Clube de Condeixa que — com a colaboração do Cine-Clube de Coimbra — organizou o seu 1.º Ciclo de Iniciação Cinematográfica.

CENSURA: A tendência, de certos comentadores, para discutirem os ideais políticos de escritores e artistas, em lugar de apreciarem desapaixonadamente as suas obras.

— Alguns Sup. de Artes e Letras, que parecem preferir colaboração de autores estrangeiros que de autores nacionais.

— A pagela de A. e L. de «O Século» que, apontando certo nome, diz estar ele «à beira da justa consagração» por ser «apontado como dos favoritos mais em foco para a consagração evocadora de Fernando Pessoa». Isto, quando se conhecem as obras concorrentes a tal prémio.

Ora, julgamos que em poesia não há nomes; há poesia. E, consequentemente, não se pode dizer — com consciência — num caso como estes, estar um nome «à beira da justa consagração».

REGISTA: O aparecimento da revista «Tempo Presente».

— A saída — também com o título de ROTA — duma página literária, dirigida por João Ganena e Neves Águas, no diário «A República».

SENTENÇA

Queria acabar esperançado, necessário
Neste continuar de noite inacabada
Queria ter um caminho, uma estrela
E mais nada.

Não queria ter um duelo em cada ponte
Hesitações em cada encruzilhada
Uma mulher em cada rua
Uma aventura em cada vão de escada
Um balanço de tempestade em cada porto...

Sentado na lareira... Nem o jornal do mundo!
Nem frio lá fora! Nem ver passar
Nos meus olhos a gente dos caminhos!

Ob, bom dos bons, esta fraqueza necessária
De ser homem, de ser tu, de ser toda a gente
E ter de caminhar em frente, em frente,
Vencendo as trevas, o dia e o nunca mais!...

E tudo isto sem estrela, sem lembrança
Única e familiar dum lenço acenando
Apenas solidão e angústia me separam
Deste e daquele instante.

Morrer, a solução, mas morrer como
Se é necessário estar aqui e fazer isto assim
Como quem sofre crucificado nos seus braços?

Entre caminho sem estrela e encruzilhada
Eu, Cavaleiro Andante, me condeno
À Morte Desejada.

JOÃO CONDE VEIGA

A página tem interesse e, apesar de ter saído quase três semanas após o nosso número, a identidade de títulos deve-se a uma coincidência e não a qualquer outro motivo. Aqui deixamos o facto bem expresso, para que ninguém seja levado a apreciar injustamente os condenadores da página da «República».

Toda a correspondência para este Suplemento deve ser feita para: José Carlos de Vasconcelos — Rua Tenente Valadim — Póvoa de Varzim.



Desenho de JOSÉ VARELA DOS REIS

